

QUE BANDA PARA GABRIEL-a?

*Nelly Lara de Brito
Maria Filomena Pinheiro Dias*

*Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos, (...)
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.*

Trecho de “Poema em Linha Reta” (Álvaro de Campos)

Gabriel, 32 anos, foi encaminhado para a Clínica-Escola de Psicologia da Universidade da Amazônia pelo Serviço de Fonoaudiologia da mesma instituição. No consultório, o rapaz que trabalhava como cantor explicou o motivo do encaminhamento: “minha voz sumiu, eu não consigo mais cantar”. Fisicamente, não havia distúrbio em suas pregas vocais, o que descrevia como: “não tenho fendas, não tenho calos...”.

A falha da voz teve início quando sua namorada, Daniela, engravidou. Na época, ele estava com 20 anos. Segundo Gabriel, muitas foram as conseqüências negativas em sua vida a partir desta gravidez, como: fracasso no vestibular, aumento da dependência financeira em relação à família, estabelecimento de laço matrimonial com Daniela e assunção de responsabilidades enquanto pai. Após o nascimento da filha, o rapaz passou a atuar profissionalmente como cantor, ofício que antes era apenas um lazer – mantido em uma banda amadora, formada por parentes e amigos. Foi em um momento próspero de sua carreira que, segundo ele: “minha voz me abandonou”.

Estes aspectos, porém, não configuravam, para Gabriel, o pior de seus conflitos. Segundo o rapaz, nada era mais “insuportável” do que “eles falando mal de mim”. Eles: os homens – eram amigos dos tempos de solteiro, irmãos, outros parentes e vizinhos.

“Eles” eram aqueles que “faziam pressão” e marcavam por seus olhares, os quais Gabriel temia, mas buscava com incrível ardor, o que se percebe nas seguintes falas: “eles me desprezam, ficam me olhando como se eu não fosse nada” e “eu só queria que eles olhassem pra mim, que me admirassem”.

“Dentre eles”, afirmou o rapaz, era seu pai aquele que mais o preocupava, pois “ele me ajuda, mas joga as coisas na minha cara. Eu só queria fazer o meu pai feliz”. Assim, pode-se dizer que Gabriel calou diante da ambivalência do olhar, sendo os múltiplos olhares aos quais se referia uma espécie de reedição do olhar do pai, o qual, tal como abordado por Freud (1913/1996), por ser detentor absoluto do falo, é venerado e temido na fantasia de seu filho.

Assim, mais coerente do que caracterizar um impasse entre Gabriel e seu pai, seria hipotetizar um conflito entre o sujeito e o Outro, pois o paciente parecia falar não do genitor-de-carne-e-osso, mas do detentor de todas as perfeições; aquele não-faltante, cujo olhar “(...) de modo algum é um olhar visto, mas um olhar imaginado por mim no campo do Outro” (Lacan, 1964/1979, p. 84).

Gabriel parecia estar viciado neste “Olhar”, gozando da situação de ser visto como incompleto frente ao “pai-eles”. Nos atendimentos, o rapaz dizia sentir-se humilhado por ter falhas, fossem elas na voz ou na imagem que “eles” tinham dele, uma vez que ele não tivera coragem para “fazer o aborto enquanto havia tempo”. Com a expectativa da paternidade, ele *não tinha mais* a “coragem” que “eles”, falicamente, *tinham*. O sofrimento ligado ao que lhe foi castrado, bem como a submissão à posição de vítima, delineavam traços marcadamente histéricos na organização de seu psiquismo.

Freud (1925/1996) coloca que, “após ter-se dado conta da ferida ao seu narcisismo”, a mulher desenvolveria “como cicatriz um sentimento de inferioridade”. Tais pontos ligam a histeria à mulher, porém estamos falando de um homem histérico.

Ora, Freud (1886/1996) ressaltara a existência de homens histéricos ainda em 1886, no artigo *Observação de um Caso Grave de Hemianestesia em um Homem Hístico*.

Winter (2001) observa que a castração “não é a ausência real do pênis, mas a falta imaginária ou falta simbólica no campo da representação (...)” (p. 14-15), portanto “homens e mulheres estão submetidos ao mesmo regime”. Assim, tem-se que ninguém possui o falo senão na fantasia. Todavia, o sujeito hístico, sublinha o autor, é aquele que *sabe* sobre a inexistência do detentor do falo e por isso mergulha no mais insuportável sofrimento: diante da diferença sexual, não pode ter a certeza de ser homem ou mulher. Ele *não tem*, porque *sabe*. Esta dubiedade é bastante observável em Gabriel que, apesar de homem, definia a si mesmo como não sendo “macho o bastante”.

Segundo Winter (2001), a questão hística se vincularia a duas dúvidas fundamentais: “O que é uma mulher?” e “O que é um pai?” (p. 216). Bom, quaisquer que sejam as respostas (se é que existem), devem estar ligadas a um significante: o falo.

Se pensarmos na voz de Gabriel e no olhar “deles” como componentes fálicos, poderemos retomar a idéia de que ao mesmo tempo em que se tornou pai, por ter uma filha, o paciente se tornou mulher, por ficar desprovido do falo ao “engravidar”. Mas como poderiam o olhar e a voz corresponderem ao falo?

A teoria freudiana se embasa na suposição de que os seres humanos mantiveram, em algum momento remoto, um vínculo perfeito com certo objeto, tendo sido esta experiência, contudo, interrompida. Assim, eles estariam eternamente em busca de algo cujo registro não existe, uma vez que foi para sempre perdido, não podendo ser representado em nenhuma instância psíquica. Freud chamou este objeto de *das Ding* – expressão usualmente traduzida como “a Coisa” – definindo-o, na Parte III de *O Projeto para uma Psicologia Científica* (1950[1985]/ 1996), como “constante e incompreendido”. Aliás, só conseguimos vislumbrar a possibilidade de sua “ex-

istência” a partir do vazio que ele deixou e que tentamos tamponar, sem sucesso, pela via pulsional.

Como afirma Freud (1915/2004), a pulsão funciona como “representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida de exigência (...)”, acrescentando que sua meta “é sempre a satisfação”. Esta meta, todavia, nunca poderá ser atingida, pois o único objeto capaz de satisfazê-la por completo foi irremediavelmente perdido. O que resta é tentar ligá-lo a seus possíveis representantes, objetos concretos ou fantasiados, a fim de garantir, ainda segundo as citadas proposições freudianas, “ao menos alguma satisfação parcial”.

Estes múltiplos objetos (parciais) de cunho fálico, porém, não suprem totalmente a falta da Coisa, pois há sempre um resto impossível de objetificar, de nomear. Lacan (1979), na tentativa de falar disso, chamou de objeto *a* o que “de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto” (1979, p. 170). E é disto que se trata *a*, da peça faltante que permite mobilidade ao jogo da cadeia significante, sendo, desta forma, “objeto causa do desejo e não objeto do desejo” (JORGE; FERREIRA, 2009, p. 28).

Como afirma Quinet (2004, p. 61), “através da transferência do valor para um objeto qualquer, como um fetiche, este adquire a qualidade de objeto causa do desejo” e, assim, “para que os objetos do mundo sensível possam ser conotados como objeto *a*, eles devem ter seu valor, isto é, devem tornar-se objetos preciosos”.

O olhar e a voz, que Gabriel demonstra assumirem a face fálica de *a*, foram formalizados por Lacan no campo dos alvos pulsionais, ao pontuar, respectivamente, as noções de *pulsão escópica* e *pulsão invocante*. Para tanto, foi necessário que ele remarcasse a noção freudiana de pulsão, delimitando a existência de diferenças entre *necessidade*, *demanda* e *desejo* (VIVES, 2009).

A necessidade se refere ao efeito da ausência de um objeto bastante evidente e passível de apreensão pelo indivíduo; já a demanda e o desejo concernem a faltas mais complexas de serem tamponadas, pois estão ligadas ao provimento de um objeto outro, vinculado ao valor que este tem no psiquismo do sujeito.

Os objetos oral e anal concernem à ordem da demanda, sendo associados, respectivamente, à demanda ao Outro e à demanda do Outro. “No nível escópico”, coloca Lacan (1964/1979), já “não estamos mais no nível do pedido, mas do desejo, do desejo do Outro. É o mesmo nível da pulsão invocadora, que é a mais próxima da experiência do inconsciente” (p. 102).

O convite ao gozo pode encantar o sujeito, o atraindo cegamente, como faz o canto das sereias (ASSOUN, 1999). Gabriel parecia ter se deixado levar por essa sedução, gozando da posição de assujeitamento ao gozo do Outro. Em outras palavras, o rapaz parecia desejar corresponder à invocação do Outro sendo a causa de seu desejo, o que se relaciona à posição histórica, pois, como ressalta Jorge (1997): “*a verdade do sujeito da histórica é que ela é o objeto a*” (p. 182).

Isto pode ser observado quanto às bandas as quais Gabriel integrou antes e depois da gravidez que mudou drasticamente sua história. Na primeira, oportunamente dita “amadora”, o rapaz “saía com eles, tinha várias namoradas... fazia essas coisas de homem”, tinha o *falo-voz* e podia ser *amador* no sentido de *desejante*. Na segunda, ele dizia não ter conseguido “fazer o aborto da minha gravidez” – como se tivesse gerado a criança em seu ventre, estava cercado por mulheres (esposa e filha), sentia-se “inferior a eles” e, castrado, deixava-se à mercê de seus olhares onipotentes.

Como o rapaz mesmo dissera, ele não possuía “nem calos nem fendas”, o que a escuta possibilitou entender como: nem a protuberância peniana nem o orifício vaginal.

Atualmente, “sem canto”, o rapaz não pertencia “a banda nenhuma” e, em sua fantasia, tentava vestir-se de *a* para corresponder ao que o Outro chamava a ver.

Após alguns meses de escuta, Gabriel conseguira cantar no aniversário de um de seus irmãos – sem falhas e de forma brilhante. Em atendimento, o paciente disse que esse fato o havia feito pensar que “tinha tanto medo do que iriam pensar se não conseguisse cantar que queria mesmo que a minha voz sumisse logo”.

Uma vez mantida aberta a hiância do inconsciente, o sintoma pode manifestar ao sujeito sua própria divisão. A partir da escuta analítica, Gabriel pôde encontrar-se com um Outro ao qual supunha um saber, mas não exigia tiranicamente que ele gozasse; um objeto sem face que deu espaço para o som de seus desejos, ao negar sua demanda. Como efeito, Gabriel-*a* parece ter começado a falar do que há tempos estava camuflado no sintoma: seu desejo-própria-voz.

BIBLIOGRAFIA

ASSOUN, Paul-Laurent. **O olhar e a voz**: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz: fundamentos da clínica à teoria. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

FREUD, Sigmund. Observação de um Caso Grave de Hemianestesia em um Homem Histórico (1886) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund**, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Projeto para uma Psicologia Científica (1950 [1895]) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund**, v.1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Tabu e Ambivalência emocional (1913). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund**, v.13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Pulsões e Destinos da Pulsão (1915) In: **Obras Psicológicas de Sigmund Freud**: Escrito sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos (1925) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund**, v.19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Sexo e Discurso em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

JORGE, Marco Antônio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. **Lacan: o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LACAN, Jaques. **O Seminário**, livro 11 (1964). Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

QUINET, Antônio. **Um Olhar a mais: ver e ser visto na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

VIVES, Jean-Michel. Para introduzir a questão da pulsão invocante. In: **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 329-341, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v12n2/v12n2a07.pdf>. Acessado em: 06/06/2010.

WINTER, Jean-Pierre. **Os Errantes da Carne: estudos sobre a histeria masculina**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

SOBRE OS AUTORES

Nelly Lara de Brito. Psicóloga do Serviço de Aprimoramento em Psicologia Clínica, em Psicanálise, da Universidade da Amazônia.

Maria Filomena Pinheiro Dias. Psicóloga. Psicanalista (Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise – Seção Belém). Professor adjunto III da Universidade da Amazônia e Supervisora dos estágios em Psicologia Clínica I e II e do Serviço de Aprimoramento em Psicologia Clínica, em Psicanálise.